

1 Professora Doutora da UNICAMP. Psicoterapeuta e autora de vários livros e artigos na área psi.

2 *Revista Percurso*, Revista semestral de psicanálise, São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, n. 20, 1 semestre de 1998; Bollas, C. [Entrevista]. In: Selaibe, M.; Carvalho, A. (orgs). *Psicanálise entrevista*. Vol. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2014. p. 506-523.

3 Bollas, C. "Mente Fascista". In: *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

4 Viveiros de Castro, E. "Transformação' na antropologia, transformação da 'antropologia'". In: *Mana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 151-171, abr. 2012.

5 Santos, B. V. *Pelas mãos de Alice*. São Paulo: Cortês, 2005, p. 109.

Conflitos ontológicos na psicanálise – conversando com C. Bollas e G. Simondon

Amnérís Maroni¹

Na entrevista da *Revista Percurso*,² Christopher Bollas nos oferece uma interessante discussão política na psicanálise: a guerra entre as escolas supõe mentes puras, não contaminadas, e essa é, na compreensão do autor, uma das características da mente fascista.³ Essa guerra também invalidaria um dos elementos básicos da profissão de analista, quero dizer, a análise individual, pois um dos supostos da análise é conquistar a possibilidade de ser si mesmo. Então, como poderia justificar-se identificações tão primárias com uma escola, um autor, uma perspectiva? Com isso, cunhou-se um estranho paradoxo: a psicanálise, que se diz não afeita à política, importou para suas entranhas uma luta política comprometedora.

Interessa-me essa discussão proposta por Bollas, todavia, gostaria de refazê-la não a partir da política, mas da antropologia, melhor dizendo, da nova antropologia. Essa disciplina, hoje, prefere pensar em termos ontológicos – o que até então fora pensado como cultura e cosmologia. Prefere pensar os conflitos ontológicos. E, com eles, os múltiplos modos de existência. Eduardo Viveiros de Castro deixa claro que em um certo ponto de sua trajetória tornou-se consciente de que a antropologia tinha, sim, algo a oferecer para uma visão crítica – de esquerda – do Ocidente: a radicalidade da alteridade.⁴ Se é verdade que, desde Jean-Jacques Rousseau, a questão da alteridade é a questão da antropologia, o fim do século 20 e o início do século 21, em função mesmo da globalização, ressignificou, ainda uma vez, a questão da "produção" de alteridades, dando-lhes um inequívoco conteúdo político. Esse grande campo de diversidades não floresceu, contudo, sem o trabalho insistente dos antropólogos com essas "mil comunidades interpretativas".⁵ É compreensível então a importância, nessa disciplina, das ontologias e dos conflitos ontológicos.

A questão da antropologia é a questão do outro: o outro das terras distantes por muito tempo chamado de "primitivo", "selvagem"; o outro campesino, o outro-mulher, o outro-gay, o outro-trans, o outro-cidadão das grandes metrópoles. Outros-coletivos diferentemente anunciados. Mas não só a antropologia dedica-se ao estudo do outro. A questão da Psicanálise também é o outro: outro-indivíduo, mas também outro-grupo, outro-coletivo. Ao meu ver são disciplinas irmãs – muito embora pensem o outro de maneira diferente. Para compreender esse outro-indivíduo, floresceram na psicanálise um sem número de escolas: freudiana, junguiana, reichniana, lacaniana, kleiniana, winnicottiana, bioniana, kohutiana, citando apenas as principais. Junto com essas escolas, grandes centros de formação pelo mundo defendendo seus axiomas. E cada escola ciosa de sua verdade passou a denegrir as demais.

6 O perspectivismo era, obviamente, tímido e limitado, pois deixava de lado o que ocorria fora do campo freudiano. Quero dizer, o perspectivismo tentava abrir caminho para os discípulos que discordavam parcialmente de Freud, e tentavam sobreviver. Tinha tão somente essa ambição. E, com isso, claro, não tocava no proibido: nas múltiplas maneiras de curar que não atravessam o campo freudiano e não são ocidentais.

7 Almeida. M. W. B. de. "Caipora e outros conflitos ontológicos". *Revista de Antropologia*, São Carlos, v. 5, n. 1, jan./jun. 2013, p. 7-28.

8 Cá e lá, na psicanálise, aparecem os que propõem unificar as ontologias e hierarquizá-las sob a égide de uma escola. Cito dois exemplos: Zélico Loparic, recentemente, propôs a unificação das escolas freudianas e junguianas sob a égide da escola winnicottiana. Lembremos que, para Loparic, a escola winnicottiana não é freudiana! Carlos Amadeus Byinton, por sua vez, tenta unificar e hierarquizar várias escolas de psicologia, entre elas a junguiana, sob a égide da Psicologia Simbólica que ele construiu. Ora, no contexto antropológico, a essas tentativas de unificação e hierarquização das ontologias, Mauro de Almeida e outros antropólogos opõem o "anarquismo ontológico".

Antes de frequentar Bollas, desenvolvi, valendo-me de F. Nietzsche e W. James, o perspectivismo, para tentar compreender o porquê de tantas escolas: cada uma delas traria à tona uma perspectiva possível de compreensão da psique; a base dessas perspectivas seriam os instintos do psicanalista fundador. S. Freud faria falar na sua teoria o instinto sexual; A. Adler, o instinto de poder; C. G. Jung, múltiplos instintos; cada um dos grandes fundadores compôs uma expressão verdadeira, uma verdade parcial, fazendo delas teorias psicológicas. E com isso poderiam se desenhar epistemologias democráticas capazes de convivência para lá de pacífica. Mas, com exceção de Bollas e de alguns outros – poucos – nomes da psicanálise, as escolas não se mostraram e não se mostram interessadas em epistemologias democráticas! Ao contrário, a "guerra entre as escolas" ensejou e fortaleceu outra questão: a ideia de "aplicação da psicanálise" quer no *setting* analítico, quer na arte, na literatura. Não discutirei essa questão nesse momento, mas com certeza "aplicar a psicanálise" – aplicar a teoria – é uma das ideias chaves presentes na epistemologia ocidental moderna. Tendo compreendido os limites do perspectivismo – sob a inspiração de F. Nietzsche, W. James e C. G. Jung –, minha pergunta mudou: não caberia tratar a guerra entre as escolas, que Bollas lê com lentes políticas, como conflitos ontológicos?

Recentemente, os antropólogos passaram a compreender as ontologias como "acervos de pressupostos sobre o que existe". Essa definição foi sugerida por Mauro Almeida⁷ em artigo recente. Os "encontros pragmáticos" não existem para o antropólogo enquanto tais, como poderia supor um neopositivista, pois são sempre devedores de uma ontologia. Dito de outra maneira, as ontologias dão sentido, ou permitem interpretar encontros pragmáticos – e vão além de qualquer encontro particular independente do seu número. Mauro de Almeida dá saborosos exemplos de ontologias múltiplas e incompatíveis que convivem e também de ontologias que se destroem na Floresta Amazônica.

Também na psicanálise não temos "encontros pragmáticos" *tout court*, mas "encontros pragmáticos" cujo sentido é dado pelas diversas ontologias às quais esse "encontro" pertence. Um analista junguiano e seu analisando estabelecem um "encontro pragmático" a partir de um "conjunto de pressupostos sobre o que existe", a partir de uma ontologia, que difere outro tanto da dupla pragmática que compõe os pressupostos da ontologia lacaniana. Ou ainda, os pressupostos que informam a ontologia winnicottiana e os "encontros pragmáticos" entre a dupla analista-analisando são muito diferentes daqueles que compõem os "encontros" e a ontologia kleiniana que, por sua vez, conta com pressupostos diferentes em relação à dupla analista-analisando bollasiana!⁸

Ora, essas ontologias não estão fechadas em si mesmas em mundos isolados; antes, estes pressupostos sobre o que existe são por natureza constituídos por conexões e transformações. De fato, como Mauro Almeida explicitou, esses pressupostos só se tornam compreensíveis durante processos de conexão presentes nos "encontros pragmáticos". Vale dizer, uma ontologia não pode ser vista e compreendida como um todo completo; ela só se revela nos "encontros pragmáticos" e, então, na tradução de umas pelas outras – ou não! É através dos "encontros pragmáticos" das várias e várias duplas analíticas que apreendemos cada uma das ontologias que os informam, bem como suas conexões e transformações.

9 Rodríguez, P. E. Prólogo. Individuar. De cristales, esponjas y afectos. In: Simondon, G. *La Individuación*. Buenos Aires: Cebra/Cactus, 2009.

10 Para Aristóteles, interlocutor de Simondon, a Matéria é indeterminada e a Forma molda a matéria. Exemplo: a escultura. Cada indivíduo é um misto de forma e matéria. Para que algo tenha existência, é preciso que uma Forma dê contorno a uma matéria indeterminada. A entelecheia de Aristóteles age na matéria e permanece-lhe exterior. Vale dizer, a relação que mantém a forma e a matéria é sempre de exterioridade. É assim que se produz uma ordenação: todo ser existente é um indivíduo que excluiu o devir para poder ser. A Forma garante que o ser continue com a mesma essência. A crítica de Simondon ao esquema hylemórfico é então o cerne da sua concepção da individuação em devir, já que a partir desse esquema não é possível pensar a gênese: como os indivíduos nascem, como florescem sendo?

11 Para Anaximandro esse elemento primevo é o Ilimitado/Apeiron: matéria-prima a partir da qual se engendram seres limitados. Carregamos em nós mesmos o Ilimitado do qual proviemos e o Ilimitado nos permite "possíveis porvires". Trata-se, então, de uma redefinição do que compreendemos por Ser.

E, todavia, essas ontologias múltiplas na psicanálise, como vimos, podem co-habitar muito embora sejam incompatíveis entre si e os conflitos ontológicos aí inscritos podem con-viver sem problemas, pois todos esses conflitos são parte de uma única ontologia ocidental, moderna e antropocêntrica – que se quer dominante e universal.

Se compreendermos isso profundamente, a proposta de C. Bollas nos parece ideal: parar com a guerra entre as escolas, estudar o fundamental de cada escola de psicanálise, e mobilizá-las todas no *setting* analítico. Disse que nos parece ideal se tivermos em mente o campo freudiano, e não é ideal, mas absolutamente insuficiente, se tivermos presente a multiplicidade de processos de cura que se dão fora desse campo, quer restrito ao Ocidente, quer fora dele.

O *setting* bollasiano mobiliza a multiplicidade do acervo psicanalítico a fim de transformar o "*conhecido não pensado*" em pensamento. E insisto, essa proposta é possível, muito embora trabalhosa, porque as ontologias inscritas no campo freudiano conflitam, mas não se destroem; então, a guerra entre elas é uma guerra sem causa! – pois, como vimos, todas se filiam, sem nenhum senão, à ontologia do Ocidente moderno e antropocêntrico. Esta ontologia busca no indivíduo já dado e já constituído o princípio de individuação, e jamais se pergunta de onde os indivíduos brotam!

Ora, uma outra ontologia – proposta por Gilbert Simondon⁹ – é base do pensamento contemporâneo: nela, há uma recusa do indivíduo já constituído e do real individuado como ponto de partida para a explicação dessa gênese.¹⁰

Para Simondon, os indivíduos – todos eles, a mesa, os homens, animais, pedras, fenômenos meteorológicos etc. – brotam a partir do pré-individual. O ser pré-individual é carregado de potenciais, de intensidades (diferença entre potenciais), transborda a si mesmo. Ser é excesso de potência, de tensão, de desmesura, desmedido, e não é coerente consigo mesmo. Antes discrepa de si mesmo.

É impossível pensar os indivíduos dissociados do processo de individuação. Para Simondon, devir é intrínseco ao ser. Ser é devir/vir-a-ser,¹¹ pois ser carrega em si o *Apeiron* (Anaximandro) – o ilimitado que engendra seres limitados. E exatamente por isso a relação entre ser e devir implica uma defasagem do ser em relação a si próprio e sua resolução provisória em uma determinada fase. O ilimitado dá margem, então, para "*possíveis porvires*".

Estamos vivendo um momento interessante e perigoso de uma grande travessia e dando os primeiros passos para uma ontologia que se pergunta pelo brotar de todos os indivíduos e que pensa que esses indivíduos continuam a viver passagens, novas florações, eterno brotar de si mesmo. Com certeza essa nova ontologia simondoniana não con-vive pacificamente com as ontologias psicanalíticas que pressupõem o indivíduo constituído, que pressupõem o antropocentrismo como natural, verdade eterna inscrita na natureza! Entre as escolas de psicanálise – todas antropocêntricas – havia, como insisti, conflitos ontológicos que *conviviam*, pois, no fundo, essa guerra era e é "*sem causa*".

12 Como se sabe, essa ontologia está na base da filosofia deleuziana/guattarriana dos Mil Platôs e então da esquizoanálise. Inspira também a nova antropologia e a discussão aí presente acerca dos conflitos ontológicos.

Ora, essas ontologias psicanalíticas não têm possibilidade de aconchego, de fácil co-habitação e con-vivência com a ontologia simondoniana. Há diferentes realidades em disputa reveladas por ontologias antagônicas. Artistas, literatos, filósofos foram os primeiros a re-conhecer-se nessa nova ontologia.¹² Na clínica contemporânea, há muitos sinais dessa presença, e alguns psicanalistas começam a mover-se em direção a outras ontologias que não contemplem exclusivamente o registro ôntico – o inconsciente, o imaginário, o simbólico. A ontologia simondoniana passa a inspirar psicoterapeutas e analistas mobilizados em compreender e ajudar seus pacientes a fazer passagens – verdadeiros *breakthrough* – não compreendidas a partir do inconsciente individual, nem mesmo do Id, mas do que Gilbert Simondon entende como pré-individual e individuação.

Todavia, a eleição de uma dessas ontologias em detrimento das outras não é uma questão de perspectiva, de preferência, de escolhas pessoais, mas de encarnação no mundo, pois essa nova ontologia inscreve-se no tempo presente: nas "escolhas" desse tempo, suas "urgências", seu "vir-a-ser".